

30 MAR 1987

Anc

ANC - pag 4

Rumos para a Educação

A Assembléia Nacional Constituinte tem muitas missões fundamentais para o futuro do Brasil, todos o sabemos, porém nenhuma tão decisiva quanto ao seu papel na reformulação educacional do País. Dela depende, mais do que tudo, a própria sobrevivência nacional. E o destino das gerações seguintes, a eternidade mesmo da pátria que está em jogo.

Terão os constituintes consciência de tamanha responsabilidade?

Se isto deixar de acontecer, o Brasil, pura e simplesmente, não disporá de nenhum amanhã. O que se fizer hoje não assumirá consequências. Continuará girando em torno do fatídico círculo vicioso da pobreza e do desespero, com paliativos de exportações de matérias-primas, agora semimanufaturadas em vez de apenas brutas, nada mais. Porque o futuro já começou, o século XXI inicia sua marcha nas sociedades desenvolvidas. E o Brasil? Que fará ou principiou a fazer?

Sem tecnologia e democracia não existe futuro. Agora é o principal líder soviético, Mikhail Gorbachev, que o proclama, alto e em bom som, após a renovação em plena marcha na China de Deng Xiaoping. Exemplo se alastrando desde muito pela Iugoslávia, Hungria e Polônia, enquanto tanta gente vive ainda pensando ingenuamente sobre Cuba.

Os modelos se encontram noutras partes.

O Japão ameaça tomar a frente dos Estados Unidos, a República Federal da Alemanha alcançou no ano passado o maior saldo de ba-

lanço de pagamentos do mundo (nada menos de onze bilhões de dólares) e o Brasil, para onde vai ou quer ir?

Sem a eliminação prévia do analfabetismo, nada feito. Não se constroem edifícios no ar. Mas nem por isso se providenciou escola para dezesseis milhões de crianças no início do corrente ano letivo. Um déficit assustador, que compromete as bases da segurança nacional, nenhum maior perigo que este. E o que pensam encaminhar os legisladores constituintes? A Nação precisa saber, urge sua resposta.

Que fim levaram os recursos da emenda João Calmon? Que falem também os tecnoeratas financeiros e educacionais. Quais os critérios para sua aplicação? Merece um tratamento especial o senador que dedicou a vida inteira a uma tão grande causa. E, com ele, o País inteiro.

Respostas idênticas aguarda o ensino de nível médio e técnico. Não se movimentam mecanismos sofisticados só através de engenheiros, os mecânicos se apresentam com igual importância. Mas o que se constata? Basta alguém ter o carro quebrado num fim de semana para sentir a escassez de mão-de-obra especializada. O veículo tem de ficar parado até a segunda-feira, na qual, com sorte, será consertado.

Na agricultura, o quadro surge pior. Apesar das estradas e inclusive dos aviões, falta a mais elementar força de trabalho especializada. E, como sempre, os agrônomos sozinhos não podem tocar o

trabalho para frente, pés de barro de um desenvolvimento que se pretende gigantesco. Onde estamos? Para onde vamos?

O Brasil desponta, sem dúvida, entre as dez maiores economias mundiais no limiar do século que se aproxima. E daí? E cada vez mais difícil continuar a ascensão, que recair. Que o diga a Argentina entre as duas guerras mundiais e após a segunda.

O ensino superior, universitário, deve vir como coroamento da pirâmide, em lugar de colocá-la de cabeça para baixo, à maneira do que vem acontecendo. Que nos desculpem os professores, mas as suas justas reivindicações precisam articular-se num conjunto. O do ensino, salvação nacional. Do contrário se perderão. Um dos maiores erros dos últimos tempos consistiu exatamente na multiplicação das universidades enquanto se viam relegados o primeiro e segundo graus.

Este esforço global é prioritário.

Sem ele, nada feito.

Claro que não se pode ter a ingenuidade de pretender que uma escola que se abra implica no fechamento de uma prisão, segundo afirmavam os otimistas do século passado, e sim que se evite a paralela multiplicação de cadeias do corpo porque do espírito.

As crianças não têm voz política. Seus pais, quando pobres, também não. A partir dos adolescentes se eleva a voz do protesto, por último descambando para a marginalidade social. Daí em diante um clamor se ergue.